

O TATARAVÔ DO TWITTER

O JORNALISTA RODOLFO GUTTILLA
RECUPERA A TRAJETÓRIA DO
HAICAI NO BRASIL E DESTACA
O SUTIL DIÁLOGO DA POESIA
COM A COMUNICAÇÃO

POR RODRIGO MANZANO
DIRETOR EDITORIAL

A ilação é óbvia, mas tentadora: seria o haikai o tataravô do Twitter? Que há de comum entre o gênero poético japonês e a ferramenta de microblogs? “Boa companhia”, coletânea organizada pelo jornalista Rodolfo Witzig Guttilla, não responde diretamente a essa pergunta, mas ao apresentar a história do haikai no Japão e no Brasil, em introdução do livro, e organizar uma trajetória do gênero em diversos autores brasileiros do século XX, de certa maneira nos estimula a pensar sobre os limites entre arte e comunicação, sobretudo quando os territórios parecem cada vez menos claros, mais difusos, mais híbridos.

As características formais do haikai, pouco a pouco dissolvidas pela prática brasileira, nos lembram um célebre sutra

budista de bastante influência nas escolas zen japonesas. O “Sutra da Essência da Verdadeira Sabedoria” afirma que “forma não difere de vazio / vazio não difere de forma”. A excelência do haikai como gênero, não apenas poético mas de comunicação, é fazer sentir que não se trata de um deles. Como alguém que fala confortavelmente ao telefone, ou navega na internet, ou lê uma carta, sem mais a consciência de “telefone”, “internet” ou “carta”. Diante de um haikai poderoso, não o percebemos haikai, mas pura imagem, fotografia com palavras, ou interlocução.

O trabalho de Guttilla recupera a tradição brasileira do haikai, que remonta, incrivelmente, a Monteiro Lobato, primeiro autor a publicar matéria e exemplos do tema em 1906, passando pelos evidentes Paulo Leminski, Décio Pignatari e Millôr Fernandes, a Drummond, Oswald e Érico Veríssimo.

O traço brasileiro no gênero acentuou o humor como característica, de maneira que os haicais ficam ainda mais potentes, atravessados por ideias fortes, e, ao mesmo tempo, leves como palavras que se conectam naturalmente. É aí que o haikai é forjado como algo que não parece. Denso, é leve. Leve, é denso. Engraçado, é sério. Sério, fica engraçado. Atual, parece antigo. Os antigos, atuais. Nada mais zen, aliás. Veja um exemplo dessa bela contradição: “O pintor ao meu lado / reclama: / Quando serei falsificado?” (Drummond) ou então o “Poeminha à glória televisiva”, de Millôr: “Não me contem! / Ele era tão famoso / Antes de ontem!”. Ou então este, de Carlos Vogt: “Não se decepcione: / a vida o convidará / para outros fracassos.” São ou não micro-posts com pedigree?

“BOA COMPANHIA - HAICAI”, Rodolfo Guttilla (org.); Companhia das Letras, 190 pág., R\$ 32,50

|||||

